

RESENHA

Uma breve história das mentiras fascistas

SÉRGIO SCHARGEL (UFF)

Porque se os seres humanos não morressem tudo passaria a ser permitido, E isso seria mau, perguntou o filósofo velho, Tanto como não permitir nada.

Saramago, 2005, p. 36



Federico Finchelstein.

Uma breve história das mentiras fascistas.

Editora Vestígio, 2020.

Benito Mussolini já remonta há quase um século. Historiadores como Gianni Fresu (2017) chegam a propor que mesmo movimentos similares do mesmo período não seriam manifestações do conceito, mas seus próprios conceitos em si. Federico Finchelstein, em *Uma breve história das mentiras fascistas*, rechaça essa ideia. E não está só: Primo Levi, muitos anos antes, fez o mesmo.

Tendo lidado com os efeitos diretos do nazifascismo, Levi nunca negou a sua reemergência. Nunca negou a sua permanência, reconstrução, adaptação. A metamorfose de “um passado que acreditávamos não mais voltar” (2016, p. 53) em

Certos conceitos perdem sua credibilidade por excesso de má utilização. Fascismo é um deles, banalizado desde o seu surgimento, quando George Orwell (2017, p. 89) já apontava seu esvaziamento como forma de xingamento político. A discussão sobre a possibilidade do deslocamento do conceito de fascismo para além do Fascismo de

permanente presente. O fascismo se mostrou uma inevitabilidade das democracias de massa contemporânea. Um fascismo que nega seu passado, mesmo quando volta, aplicando aquela que talvez seja a sua característica mais permanente, como identificado por Umberto Eco (2018): a transformação da mentira em padrão de verdade. Para um sobrevivente dos campos como Levi, uma nova tentativa de assassinato, pois como classificou Pierre Vidal-Naquet (1988), a constante fascista é um assassinato da memória.

Um dos pontos mais interessantes do livro de Finchelstein é mostrar movimentos de matriz fascista para além de exemplos clássicos como o Nazismo ou o Integralismo. Trazer à baila similares em contextos periféricos como o peruano, boliviano, entre outros. Claro, sem perder de vista a atualidade da discussão com a ascensão contemporânea da extrema direita em todo o mundo. Mais do que nunca, o debate sobre fascismo se faz atual. Tampouco é sem motivo que a edição brasileira venha justamente com um prefácio sobre o Bolsonarismo e sua condução da pandemia da COVID-19.

A pandemia, é válido trazer, serve de mote para o livro. É a partir dela que Finchelstein analisa as “mentiras fascistas”, bem como as reconstruções do fascismo entre passado e presente. Embora os fascismos de outrora não tenham lidado diretamente com um vírus letal, lidaram — e produziram — situações de calamidade pública que explicitaram estratégias que se reconstróem, como conspiracionismo, negacionismo e autoritarismo. Como lembra o prefácio de Finchelstein (2020, p. 12) não é coincidência que países governados por autoritários como Donald Trump e Jair Bolsonaro tenham figurado no topo da lista de mortes.

Os diversos fascismos que Finchelstein mostra, a despeito de suas inevitáveis idiossincrasias locais e temporais, possuem elementos em comum que se reconstróem conforme a conveniência. Na prática, esses elementos em interseção que permi-

tem a compreensão do fascismo como conceito/ideologia política que se adapta e evolui no espaço-tempo. Robert Paxton (1998) interpretou o fascismo como fruto das contradições e limitações da democracia liberal de massas, uma espécie de efeito perverso, para utilizar a tipologia de Albert Hirschman (2019). Nesse sentido, entende que todo fascismo perpassa necessariamente cinco estágios: 1- Criação dos movimentos; 2- Enraizamento no sistema político; 3- Chegada ao poder; 4- Exercício do poder; 5a- Entropia; 5b- Radicalização, que perpassam da sua fundação à entropia. A proposta etapista de Paxton se liga à máxima de Levi (2016, p. 56): “Cada época tem o seu fascismo: seus sinais premonitórios são notados onde quer que a concentração de poder negue ao cidadão a possibilidade e a capacidade de expressar e realizar sua vontade”.

Muito antes de Paxton, Levi (2016, p. 53) já lembrava o golpe à memória dos sobreviventes a transformação do fascismo em um fenômeno global e transtemporal. O químico e escritor italiano sugeriu a ingenuidade dos sobreviventes: crer que a memória traumática coletiva seria suficiente para conter sua volta. O otimismo com o fim da Guerra logo deu lugar à desilusão de perceber que os tentáculos do nazifascismo dialogam com ansiedades e medos da população, e que suas mentiras não desapareceram com a morte de Hitler ou Mussolini.

A mentira como padrão de verdade não é exclusiva dos equivalentes contemporâneos dos movimentos fascistas do passado, mas é uma característica essencial dessa ideologia. A distorção chega ao ponto em que o próprio mentiroso passa a acreditar na falsa verdade que cria. Como lembra Finchelstein (2020, p. 33), um exemplo clássico é o caso de Francisco Franco negando a violência que perpetrara contra soldados e civis de regiões pró-Republicanos durante a Guerra Civil Espanhola, como no bombardeio de Guernica. Via de regra, os fascistas atribuem aos seus adversários os atos que

eles próprios praticaram, alterando a percepção da realidade. Uma vez mais, Franco sugeriu que os Republicanos o acusaram pela destruição de Guernica para minar a sua credibilidade e disseminar “mentiras sobre ele” (Finchelstein, 2020, p. 33).

A mentira como padrão de verdade caminha junto da megalomania reacionária. O fascismo deseja que tudo seja grandioso, colossal, como um suposto passado. Não faltam exemplos clássicos: Mussolini com o Império Romano, Hitler com o Reich. Mas, como dito, o interessante do livro de Finchelstein é mostrar fascismos periféricos e como eles adaptam elementos de suas contrapartes hegemônicas. Os fascistas japoneses se voltavam para a glória imperial de outrora, enquanto os egípcios iam ainda mais longe: a era faraônica (Finchelstein, 2020, p. 51). Grupos específicos — os judeus, os comunistas — são culpados e responsabilizados pela suposta degenerescência nacional, e em sua eliminação reside o segredo de retornar à grandeza do passado.

O malabarismo chega a tal ponto, que é comum aos fascistas a suposta defesa da democracia. Não se trata, naturalmente, da democracia como entendida por teóricos como Robert Dahl (2005) ou Joseph Schumpeter (1961), mesmo quando em seu formato minimalista. Antes, trata-se de um *argumentum ad populum*, em que se afirma que o fascismo é democrático por chegar, de fato, ao poder pelas vias democráticas. Nesta lógica silogística, se a maioria da população elege um movimento, ele não pode ter viés autoritário. Mussolini (2006, p. 247) chega ao limite ao afirmar que o Fascismo empregava uma “democracia autoritária”. Para ele, a democracia burguesa-liberal tendia à oligarquia, e apenas um movimento de massas pautado por um Messias poderia sintetizar o verdadeiro governo popular: “Que tirania — exclamou ele — seria essa, em que 1 milhão de pessoas se unem em torno de um partido, em que 3 milhões se unem em outras organizações a ele ligadas e em que 20 mi-

lhões aceitam que o Estado os garante e os protege” (Pachukanis, 2020, p. 51-52).

Aliás, outro elemento que se mantém, e dialoga simbioticamente com os anteriores, é a necessidade de um Messias. Mesmo em fascismos mais secularizados, como o próprio Nazismo, o Messias recebe uma atribuição divina: seus poderes são heróicos, e seu autoritarismo confirma sua força. Como um grande pai, ele deve proteger a nação contra os inimigos desumanizados, e resgatá-la da contaminação, da mácula. Ele expia os pecados nacionais, expurgando os inimigos escolhidos arbitrariamente. Hitler sintetizou isso ao dizer: “A partir de hoje, acredito que estou agindo de acordo com a vontade do Poderoso Criador: *defendendo-me contra o judeu, estou lutando pela obra de Deus*” (Finchelstein, 2020, p. 53, grifos do autor).

A violência nazifascista foi inconcebível. Mas suas mentiras e inversões eram, por si próprias, inverossímeis, para não dizer estapafúrdias. As permanências e mutações dessa mentira chocaram Levi a ponto de reviver seu trauma de forma cíclica. Como é possível que populações das mais distintas nações, em períodos posteriores à Guerra, continuassem acreditando e reciclando as mesmas falácias, apenas sob novos disfarces? Pior: chegam a negar a violência sofrida, em todas as suas formas, como se o genocídio fosse um embuste. Há, assim, permanente fusão e simbiose entre mentira e violência, entre agressão e tirania.

O mais assustador do nazifascismo, algo que tanto Levi quanto Finchelstein mostram bem, é o quanto a violência é intrínseca a esses movimentos. O autoritarismo é um dos elementos-chave deles, como chamou a atenção Paxton (1998). No entanto, não se trata apenas do autoritarismo cru, dos aspectos mais tradicionais de despotismo, mas de uma paixão pela brutalidade. É uma ideologia (e movimento, regime) que se quer bélica, tanatofílica. Um misto entre paixão e exaltação da morte, não somente para com seus inimigos, mas também

entre eles próprios. Nada mais revelador do que o lema dos Falangistas ser “viva la muerte!”.

O fascismo foi a maior inovação política do século XX, um movimento reacionário de massas, algo então inédito. Da mesma forma, seu grau de violência foi sem precedentes. Como lembra Levi (2016, p. 54), “não são uma versão cruel do cárcere onde se impõe sofrimento e morte ao inimigo político, mas fábricas invertidas”. Nada poderia sintetizar melhor as mentiras fascistas do que a alegoria de fábricas invertidas, mecanismos de produção de assassinatos em massa. Se na produção maciça fordiana o homem se reifica, torna-se um objeto, na produção maciça nazifascista o ser não é mais humano. Como traz o título de um dos livros mais famosos de Levi, como poderia ser isto um homem?

O livro de Finchelstein atualiza parte das ansiedades de Levi, ao destacar a resiliência e metamorfose de um passado feito presente. Em que pese a existência de livros mais profundos à compreensão do fascismo como ideologia, dentre os quais vale citar *Anatomia do fascismo*, de Robert Paxton, Finchelstein tem o mérito de mencionar, ainda que de forma geral, diversos movimentos e manifestações análogas ao Fascismo italiano por todo o mundo, no presente e no passado, evidenciando o que amedrontava Levi: a sua permanência. Entre as várias características que se reconstroem nessas mutações, uma permanece constante: a mentira. ●

REFERÊNCIAS

- DAHL, R. 2005. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ECO, U. 2018. *O Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record.
- FINCHELSTEIN, F. 2020. *Uma breve história das mentiras fascistas*. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio.
- FRESU, G. 2017. *Nas trincheiras do Ocidente: lições sobre Fascismo e antifascismo*. Ponta Grossa: Ed. UEPG.
- HIRSCHMAN, A. O. 2019. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEVI, L. 2016. *Assimetria e vida*. São Paulo: Editora Unesp.
- MUSSOLINI, B. 2006. *My autobiography: with "The political and social doctrine of Fascism"*. New York: Dover Publications.
- ORWELL, G. 2017. *O que é Fascismo? E outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PACHUKANIS, E. 2020. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo.
- PAXTON, R. 2007. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra.
- PAXTON, R. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago: Chicago University Press, v. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>>. Acesso em 06 nov. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1086/235001>.
- SARAMAGO, J. 2005. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHUMPETER, J. A. 1961. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- VIDAL-NAQUET, P. 1988. *O revisionismo na história: os assassinos da memória*. Campinas: Papirus.